

O que a evidência mostra sobre a violência relativa às drogas no Brasil

Políticas públicas direcionadas à redução do consumo de álcool e drogas, se bem planejadas e conduzidas, devem ter um impacto relevante na redução da criminalidade



Túlio Kahn

14 de abril de 2021

No artigo anterior, vimos que boa parte do impacto das drogas na violência no Brasil se dá pela via que Goldstein chamou de “violência sistêmica”. E estimamos que o tráfico de drogas pode ser a motivação principal de cerca de 30% dos homicídios. Uma segunda via de impacto das drogas na violência e criminalidade se dá pelo que Goldstein apontou como via farmacológica.

Significa que vítimas aumentam seu risco e autores aumentam a probabilidade de cometer crimes quando estão sob efeito de drogas, álcool e outras substâncias psicoativas. Falamos novamente em fatores de risco e correlações, mas não em causa. De todo modo, existem algumas evidências, ainda que frágeis, desta associação entre consumo de álcool e drogas, vitimização e cometimento de crimes.

Pesquisas de crimes autorreportados

Infratores adultos raramente são testados para presença de álcool e drogas após o cometimento de crimes. A maior parte da informação existente sobre uso de drogas e crimes vem de pesquisas que utilizaram a metodologia de crimes autorreportados, com estudantes ou jovens infratores.

Utilizando a metodologia de crimes autorreportados numa amostra de 710 estudantes de São Paulo, em 1999, constatei que 52,9% haviam experimentado álcool alguma vez na vida, 5,3% maconha, 1,2% cocaína e 0,7% crack e verifiquei a existência “de uma associação entre o nível de transgressão dos estudantes e a frequência com que utilizam cigarro, álcool e maconha. Em outras palavras, quanto maior a frequência de uso destas substâncias, maior a tendência a transgredir” (Ilanud, 2000).

Em 2001, usando a mesma metodologia, 1.067 jovens do então mais violento bairro de São Paulo, o Jardim Ângela, 61% reportaram uso de álcool alguma vez na vida, maconha (5,5%), cocaína (1,6%) e crack (1,1%). Novamente foi encontrada uma associação significativa entre o uso destas substâncias e crimes assumidos pelos entrevistados (Kahn e Zanetic, 2014).

Finalmente, entre os jovens infratores, estas porcentagens são bastante superiores quando comparadas aos estudantes: entre 2.100 infratores pesquisados em São Paulo em 2001, 72,3% assumiram o uso de maconha e 13,3% o uso de crack alguma vez na vida (de Almeida, 2002).

Pesquisas de vitimização

Uma pesquisa de vitimização do Instituto Futuro Brasil (IFB), em 2003, em que foram entrevistadas 5.000 pessoas nos 96 distritos da cidade de São Paulo, sugere que há uma estreita relação entre consumo de álcool e ser vítima de algum crime ou se envolver em algum tipo de ocorrência delituosa.

Em 2003, 2.039 jovens de escolas de Porto Alegre participaram do [V Levantamento Nacional Sobre Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes](#). O álcool foi utilizado por 54% dos adolescentes (14-19) e 17% dos pré-adolescentes (10-13), por 58% das meninas adolescentes e 19% das pré-adolescentes, 57% das estudantes sofreram vitimização severa, e 53% sofreram vitimização moderada.

Na pesquisa Nacional de Vitimização de 2012, do Ministério da Justiça, considerando-se os 12 meses que antecederam o levantamento, 14,3% dos entrevistados revelam ter sofrido, no período correspondente, pelo menos um dos nove tipos de agressão relacionados no estudo, que vão de insultos a esfaqueamento. Destes, 23,5% responderam que o agressor estava sob efeito de entorpecentes, drogas ou álcool ([Pesquisa Nacional de Vitimização, CRISP, 2013](#)).

Em sua tese de doutorado de 2018, Abdalla usou os dados da LENAD II, de 2012, para investigar a associação entre uso de cocaína e violência. O uso de cocaína e AUD (indivíduos com transtornos de uso de álcool) aumentaram em quase quatro vezes as

chances de ser agressor (Abdala, 2018).

Massaro, usando dados de 4.283 entrevistados no Segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, de 2012, estimou as prevalências de estupro e analisou a relação com o consumo de álcool. Análises de regressão logística e multifatorial indicaram que tanto para mulheres quanto para homens a idade (aqueles entre 26 e 59 anos), o estado civil (solteiro), o diagnóstico de transtorno por uso de álcool e o beber pesado episódico são fatores associados ao aumento da probabilidade de vitimização por estupro (Massaro, 2019).

Existem evidências consistentes de que a violência sistêmica ligada ao tráfico de drogas e ao proibicionismo seria a motivação de boa parte dos homicídios no Brasil; de que a intoxicação por drogas, principalmente legais, como o álcool, contribui tanto para a vitimização quanto para a prática de diversos delitos. Ou seja, tráfico e homicídios tendem a ser concentrar nas mesmas áreas onde são maiores as carências e a desorganização social (Sapori, 2015; Beato, 2001; Kahn, 2008; Zilli, 2014; Barcelos & Zaluar, 2014).

Do ponto de vista das políticas públicas, depreende-se, portanto, que políticas direcionadas à redução do consumo de álcool e drogas, se bem planejadas e conduzidas, devem ter um impacto relevante na redução da criminalidade e da violência.

Túlio Kahn

Consultor sênior na Fundação Espaço Democrático e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://www.fontesegura.org.br/analises-criminais/ab53b64jgf>

